

Resenhas

---

# Psicanálise entrevista (Vol. 2)

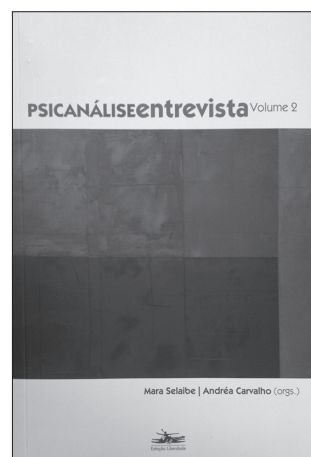
Organizadoras: Mara Selaibe & Andréa Carvalho  
Editora: Estação Liberdade, São Paulo, 2015, 360 p.

Resenhado por: Dora Tognolli

O livro *Psicanálise entrevista* contém uma série de entrevistas realizadas pela revista *Percurso*, entre 1988 e 2014. Muitas histórias. Muitas memórias. Seu formato coloca um desafio para a proposta de uma resenha: tarefa impossível, diante de tantas veredas que se abrem, no tempo, no espaço, entre diversos países, instituições, afinidades eletivas e temáticas. Quase três décadas de percurso, a passagem pelo novo milênio, pelo novo século, e a psicanálise operando em cada experiência que temos o prazer de ler.

A leitura do volume deixa a impressão de que ele contém em si vários livros, ou vários idiomas, expressão utilizada por um dos entrevistados, Christopher Bollas, quando propõe a ideia radical de que cada paciente é um idioma. Podemos assumir, então, que cada entrevista transcrita pode ser lida como um idioma, que nos transporta a um universo particular, sem deixar de lado o *leitmotiv* que acompanha todas as narrativas: a experiência de trabalho no campo psicanalítico.

Cabe mencionar o elenco de entrevistados que compõem o livro: Radmila Zygouris, Jean Laplanche, Maud Mannoni, Monique Schneider, Bernard Penot, Anne Alvarez, Christopher Bollas, Luis Hornstein, Elisabeth Roudinesco, Jean-Jacques Rassial, Juan-David Nasio, Luís Carlos Menezes, Maria Rita Kehl, Maria Cristina Kupfer, Miriam Chnaiderman, Madre Cristina, Chaim Samuel Katz e Zygmunt Bauman.



DORA TOGNOLLI é psicanalista, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), mestre em psicologia social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP).

O cuidado e a escuta dos entrevistadores, que permitem a abertura de questões para cada entrevistado e seu contexto, oferecem ao leitor a possibilidade de se deslocar e acompanhar experiências muito ricas, que interrogam a clínica e a metapsicologia.

A organização do livro é caleidoscópica: o critério não é perceptível ao leitor, que pode passear pelas inúmeras páginas e escolher a ordem da leitura de forma livre e pessoal. Há uma qualidade que merece destaque: a vivacidade das experiências, a paixão de cada entrevistado ao se contar, a pertinência a um campo perturbador e transformador que entra em cena, a partir do método que a psicanálise propõe e que sempre nos conduz a territórios que causam surpresa e espanto.

Através dos relatos dos psicanalistas, é possível tomarmos contato com o tripé que funda qualquer campo de conhecimento: a história, a teoria e o projeto. Algumas entrevistas abordam aspectos históricos, dos quais somos herdeiros, e vale notar que nem sempre nos damos conta das filiações que nos acompanham, de mestres que nos antecederam, e que explicam nossas afinidades e escolhas; já outras entrevistas se descortinam como verdadeiros seminários conceituais, tratando de forma criativa conceitos que são ferramentas de nossa clínica; e ainda nos encontramos com a questão do projeto, que indica o porvir da psicanálise – até que ponto vivemos hoje realidades que nos põem diante de sintomas inusitados e manejos que precisam ser problematizados? O que o mundo contemporâneo apresenta? Estamos preparados para a clínica atual? E o que é de fato esse atual?

Os conceitos que prezamos dão conta das novas realidades? O que fica de resto não metabolizado? Não há resposta, mas a inquietação que esse pensamento traz nos tira da familiaridade que tampona todo o mundo pulsional.

Em relação ao aspecto institucional, as narrativas, vindas de épocas e continentes tão diversos, trazem à tona as vantagens e os riscos que a institucionalização propõe para a psicanálise: questões de poder, de arrogância, de guerras entre escolas, vaidades são abordadas por diversos entrevistados, como Roudinesco, Bollas, Menezes e Kupfer. E podemos identificar, em nosso território, como esses temas sempre se recolocam e precisam ser incluídos e problematizados.

O risco da endogamia, apontado por Zyggouris e discutido em outras entrevistas, ganha espaço, e o livro nos apresenta inúmeros exemplos históricos de grandes psicanalistas e seus discípulos que formaram grupos de poder e de saber, alguns passando por rupturas, outros se mantendo a duras penas. Lacan aparece em vários contextos, tratado por discípulos, rivais, admiradores e herdeiros.

Se não é possível tornar-se psicanalista sozinho, ou seja, necessitamos de uma fratria, a leitura dos colegas psicanalistas descortina vários modelos de grupo, em que o maior risco é o dogmatismo, a fossilização, a paralisia, a repetição.

Seria tentador fazer um breve resumo de cada entrevista, no sentido de não deixar

escapar o trabalho da memória contido na fala de cada psicanalista entrevistado. Mas, como esta tarefa não é factível, a opção é ilustrar o texto com alguns exemplos.

Laplanche nos brinda com um seminário em que aborda o “sexual, suas mensagens e traduções”. Provavelmente, muitos de nós, psicanalistas, já atravessamos seus raciocínios brilhantes, mas escutá-lo formular sua teoria no calor de uma entrevista reaviva em nós a importância dessas considerações *in statu nascendi*. Um dos vários pontos tratados por ele refere-se à atuação do superego, que se intromete e impede a tradução, cristalizando as mensagens. O Outro, o estrangeiro, sempre nos propõe um enigma, que conduz à tradução e não à verdade. Considero este um aspecto importante no consultório, nas análises, nas instituições.

O conceito de *recusa* (*Verleugnung*) surge com muita potência na entrevista de Bernard Penot, colocando em cena o tema do segredo, da falta de simbolização, da ignorância psíquica. Esse tema é problematizado no seio das instituições, uma vez que o psiquismo funciona através de mecanismos que criam circuitos pulsionais nem sempre benéficos e que impedem a constituição de novos sentidos.

A trilha histórica e genealógica, foco de Elisabeth Roudinesco, aponta as posturas dogmáticas e fóbicas de profissionais e instituições; num certo momento, é retomado um diálogo entre Roudinesco e Derrida que veicula a ideia de que “a melhor maneira de ser fiel a uma herança é ser

infidel a ela”. Dentro desse raciocínio, destaca-se o risco que acompanha as sociedades ocidentais quando se prendem a metas de suprimir os conflitos inerentes aos grupos e erigir novos deuses.

Uma das manifestações de dogmatismo é a recusa de novas realidades. Em várias entrevistas, o conceito de *recusa* emerge rondando os psicanalistas, que muitas vezes se recusam a problematizar o mundo atual, fechando-se em seus consultórios, em seus templos e em seus conceitos. Recusa também da parte das instituições, que, nas palavras de Luis Hornstein, são marcadas por estereotípias, sacralizam o enquadre e fazem uso das teorias como função defensiva.

De forma bem-humorada, Nasio afirma não desejar “ser comido pelo conceito”. Não deixando de reforçar a tradição, demarcando sua filiação entre diversos analistas de gerações distintas e desembarcando em Freud (“nosso tataravô”), Nasio enfatiza a importância de três momentos em seu trabalho: o primeiro grande momento, da clínica, da escuta, que tem como ferramenta o inconsciente do analista; o segundo, da transmissão; e o terceiro, da escrita, cujo maior desafio é “escrever na língua de todo mundo”, ou seja, fazer-se entender, na medida do possível, por um outro.


A medicalização excessiva, evasão da dor, é tratada por vários psicanalistas. É Nasio que fala da importância de fazermos da dor um conceito psicanalítico, que em última instância remete à angústia, motor e caminho de nosso trabalho.

Cabe destacar a saborosa entrevista de Luís Carlos Menezes, que compartilha

conosco sua história de migrações, deslocamentos, amizades e novas inserções; suas memórias de infância e juventude, a atração pela hipnose e a descoberta do texto freudiano, tomado como Conan Doyle e seu Sherlock Holmes, nos estudos sobre histeria. É com Menezes que adentramos no estranhamento necessário e inerente à convivência com colegas de escolas diferentes, mas com a possibilidade de trabalho em grupo, participação institucional e

política. Menezes aborda de forma exemplar o tema do narcisismo e dos ideais, a tensão entre a massificação e o que ele denomina *ato lúcido*.

Fica o convite para a leitura dessas entrevistas, que constituem um acervo fundamental – trabalho de memória, que ilumina veredas importantes do campo psicanalítico, colaborando para garantir o espaço psíquico, o lugar do pensar e da política.



Dora Tognolli  
Al. Rio Negro, 911/712, Alphaville  
06539-205 Barueri, SP  
Tel: 11 4191-6936  
dorat.g@terra.com.br